



Entre números e silêncios: o apagamento social da Tuberculose no Brasil

Embora a tuberculose tenha prevenção, tratamento e cura, o Brasil acumula desafios imensos para o controle da doença. A tuberculose segue sendo um grave problema de saúde pública, com uma incidência alarmante de 40,6 casos por 100 mil habitantes em 2024, muito distante da meta estabelecida pela OMS de 6,7 casos por 100 mil habitantes, e afetando especialmente as pessoas pretas, pobres e periféricas e desproporcionalmente as populações mais vulnerabilizadas e/ou em desproteção social, como pessoas privadas de liberdade, indígenas, imigrantes e pessoas em situação de rua.

Este cenário adverso exige um conjunto de esforços governamentais, comunitários e de toda a sociedade para que possamos transpor as inúmeras barreiras econômicas, sociais e culturais que impactam tanto no acesso aos serviços de saúde, quanto nas políticas sociais e na necessidade urgente de enfrentar o estigma e a invisibilidade social da doença.

Por certo o fenômeno de apagamento da tuberculose possui uma relação simbiótica com as populações mais afetadas pela doença, que, não por acaso, são as pessoas que estão sempre a margem. A margem dos direitos, a margem da cidadania, a margem da vida.

Neste 24 de março, data que marca globalmente a luta contra a tuberculose, um dia simbólico para reiterar e fortalecer o compromisso público com o enfrentamento da doença, o Ministério da Saúde silencia. Ironicamente, o evento “**Entre números e silêncios: os desafios de comunicar tuberculose**”, marcado para esta data, que reuniria em Brasília autoridades, gestores públicos, trabalhadores de saúde, pesquisadores, comunicadores, movimentos sociais e comunidades afetadas foi “adiado”. A campanha de comunicação com lançamento previsto para a ocasião ainda é desconhecida e, no momento, se resume a um modesto carrossel de cards sem expressividade postado nas redes sociais do Ministério da Saúde.

Paradoxalmente, combinando ironias e incoerências, temos, de forma inédita, a tuberculose contemplada na agenda prioritária do Ministério da Saúde através do Programa Brasil Saudável, além de metas de eliminação audaciosas para 2030. Contudo, o silenciamento do Ministério da Saúde, que tem o papel de referenciar técnica, política e programaticamente com os outros entes federativos, que compactuam com este cenário, nos parece bastante sintomático e aponta a ausência de compromisso político efetivo e o aprofundamento das negligências relacionadas à doença.

Recentemente, a imprensa brasileira reverberou entrevistas com o escritor John Green em decorrência do lançamento de seu livro “Tudo é tuberculose: a história e reincidência da nossa infecção mais mortal!” – recomendamos fortemente a leitura – ampliando o debate sobre a TB no mundo. Mas é preciso sublinhar que a tuberculose não é apenas mortal, a tuberculose é **imoral** uma vez que expressa uma série de mecanismos e dinâmicas que perpetuam processos de empobrecimento, desigualdades e injustiças sociais.

Diante deste contexto, aguardamos resolutos o lançamento dos dados epidemiológicos, numa repetição histórica que reflete que, apesar de termos um sistema público de saúde e tantos avanços biomédicos e incorporações de novas tecnologias, uma doença que tem **prevenção, tratamento e cura, mata aproximadamente uma pessoa por hora, no Brasil.**

A tuberculose não é acaso, é a expressão do descaso público.

ART-TB – Articulação Social Brasileira de Enfrentamento da Tuberculose

articulatb@gmail.com